



**KEEP
CALM
AND
WORK
HARD**

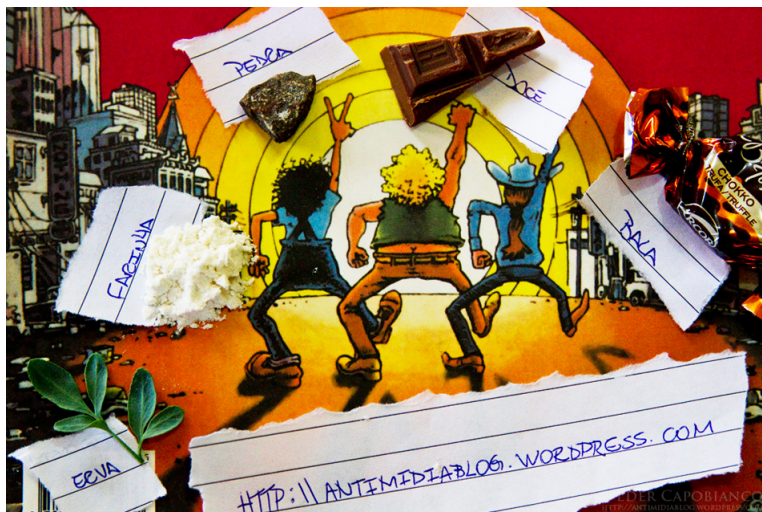
-contos-

eder capobianco

Eder Capobianco

**Keep calm and
work hard**

2018 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória



Este e-book foi diagramado em formato A5 (148 mm x 210 mm), e contém 11 contos escritos por Eder Capobianco Antimidia e publicados na rede de blogs AntimidiaBlogs.

:: Diagramação | Eder Capobianco Antimidia

:: Textos | Eder Capobianco Antimidia

ANTIMIDIA, Eder Capobianco. *Keep calm and hork hard.*
Assis, SP: Produção Caseira e Distribuição Aleatória, 2018.

eder.capobianco@gmail.com
<http://antimidiablog.wordpress.com>
<http://www.flickr.com/antimidia>
#antimidiablog

Sumário

Introdução	5
O matadouro	6
O futuro vindo depois da curva	10
Rato condicionado perdido no labirinto de Skinner	14
Mosca morta em movimento linear uniforme	18
Kid Neb	22
Fábrica de chocolate verde	26
Cachorro no mato	30
Super-herói, geléia e a voadora dupla	34
Vivendo a emoção de cada dia	38
Roqui e Muguissi em: ratos sujos	44
Promiscuidades	47
Sobre o AntimidiaBlog	52

Introdução

A tranquilidade de saber que nada será capaz de mudar um destino medíocre torna cada um dos personagens dos 11 contos selecionados para esta coletânea heróis. Por resistir a esmagadora falta de vontade de viver, por conter o impulso de entrar em tilt. Lidar com a violência de levar a vida sem ter noção se haverá amanhã coloca cada um deles face a face com o desespero de não ter esperança.

Trabalho não é um conceito universal. Pode ser aquilo que se faz sem gostar, apenas para ganhar dinheiro, ou uma atividade forçada pela seleção natural. Uma atitude que demanda esforço físico, mental e psicológico que é premiada com pequenas quantidades de dinheiro. Nestas vidas trabalho é só um meio para um fim: continuar levando uma vida desgraçada.

Aqui os funcionários não tem garantias, não vão fazer carreira e devem estar dispostos a arriscar tudo a curto, médio e longo prazos. Sem perguntas ou proteção, numa constante violação a rotina de esbórnica para exploração de personagens que não anseiam por nada além de sobreviver como um desdentado tentando comer uma espiga de milho.

O matadouro

Minha perna estava quebrada. Tinha certeza que estava quebrada. Doía desgraçadamente como dói uma perna quebrada. Mas não arredei o pé. Dei dois tiros, tomei um comprimido de anfetamina com vodka e voltei pronto para continuar até o fim. Faltavam quatro. O filho da puta soltou a carcaça lá de cima do túnel, e a força do peso morto preso no gancho como um rolamento num cabo de aço tosco veio descendo, embalado pela gravidade, na minha direção com a mesma potência de um ônibus voando direto para a mão do recebedor num jogo de baseball. Abri o peito e pow! aquela merda explodiu entre a minha barriga e meu pescoço como um gancho de esquerda do Ali com uma joelhada do Dhalsim, me jogando para trás abraçado com aquela bolsa de carne e sangue sem vida. Respirei fundo e inclinei o peso para frente. Fui me arrastando até o caminhão e soltei toda aquela merda lá dentro. “Já são sete, velho. Mais um e perco a aposta no paralelo.” Aquele corno filho de uma puta tinha algum tipo de prazer asqueroso em ver eu me fudendo. Não era nem de longe maior que o meu de fazer aquele bastardo olhar para o lado com medo quando cruzar comigo na rua. Ter a sensação de que ele se arrepende amargamente de ter me dito qualquer coisa que não tenha sido “obrigado por não me mandar para o inferno, Senhor.”

Minha perna estava quebrada. Tinha certeza que estava quebrada. Doía desgraçadamente como dói uma perna quebrada. Mas não arredei o pé. Dei dois tiros, tomei um comprimido de anfetamina com vodka e voltei pronto para continuar até o fim. Faltavam três. “É sério mesmo?” O cretino de cima do túnel ria, o imbecil do caminhão ria, os retardados que tinham apostado quando eu ia cair riam, só eu não ria. “Vai logo com essa merda, porra.” O gancho veio zunindo pelo cabo e conforme o som aumentava sentia como se um muro tivesse vindo violentamente na minha direção e eu não ia conseguir desviar. De repente ele me atinge no peito violentamente na forma de uma carcaça morta e sem vida. Abracei ela e bambiei para cá, depois para lá. Talvez eu tenha algo quebrado além da perna, ou já tenha cheirado cocaína e tomado anfetamina o suficiente para não sentir mais dor, mas parece meu braço virou ao contrário para segurar o monte de carne. Me curvei um pouco para trás para contrabalancear o peso e depois me lancei para frente. Embalei nas forças de Newton e consegui largar a peça no caminhão.

Minha perna estava quebrada. Tinha certeza que estava quebrada. Doía desgraçadamente como dói uma perna quebrada. Mas não arredei o pé. Dei dois tiros, tomei um comprimido de anfetamina com vodka e voltei pronto para continuar até o fim. Faltavam dois. “Para com isso. Se você morrer vai dar o maior problema.” Minha respiração não estava controlada o suficiente para responder qualquer coisa. Minhas narinas se abriam quando eu respirava como o touro que quer matar o Pica Pau no desenho que passava de manhã na televisão. Com a cara travada e

olhar vidrado fiz um sinal com a mão para o estúpido lá de cima lançar o próximo míssil. Ele veio voando pelo túnel numa rota descendente reta e seca até estourar em cima de mim. Dei uns dois passos para trás e senti algumas mãos me segurando. Minhas costas já estavam sensíveis. “Não toca em mim, droga.” Fiz um malabarismo do capeta para conseguir me manter minimamente ereto e com a carcaça sob controle. Colocando todas as minhas fichas no meu senso de direção me joguei para o lado direito e trombei com o caminhão. Me virei já botando toda massa de carne para dentro num movimento só. “Seu velho dos infernos.” “Vai se fuder.”

Minha perna estava quebrada. Tinha certeza que estava quebrada. Doía desgraçadamente como dói uma perna quebrada. Mas não arredei o pé. Dei dois tiros, tomei um comprimido de anfetamina com vodka e voltei pronto para continuar até o fim. Faltava um. “Cala a porra dessa boca e solta isso logo seu desgraçado.” Como se fosse a própria vingança de Edmond Dante aquele trombolho morto e sem vida bateu em mim para matar. Tudo girava como um globo da morte. Meu peito não se enchia mais de ar e respirar era como buscar força num motor 1.0. Não tinha torcida, nem palmas, nem silêncio. Eram risadas. Eu queria morrer. Ali. Na frente daquele bando de estrume. Carregando aquelas carcaças podres para dentro de um caminhão refrigerado desligado. Cair, estrebuchar um vai tomar no cu e adentrar o infinito sono profundo dos justos no céu dos judeus. Estava tudo ficando embaçado e escorregadio. Não foi sangue, suor e lágrimas. Foi a cocaína que equilibrou aquele monstro de carne com o

joelho e a vodka com anfetamina giraram a minha cintura e lançaram o pacote para dentro do caminhão como se fosse o Jordan arremessando um lance livre. Cesta. De chua. Caralho.

Minha perna estava quebrada. Meu braço estava quebrado. Tinha costelas quebradas. Tudo doía desgradamente até eu dar dois tiros e tomar um comprimido de anfetamina com vodka. Não faltava mais nenhum. “Cadê meu dinheiro, seus animais.” Ninguém mais ria. Nem fazia piadinha escrota. Nem falava nada. Um a um eles passavam por mim e me davam cem mangos cada e depois ficavam falando baixinho qualquer porcaria num canto como crianças mimadas repreendidas pelo bedeu. Me escorei na parede, fui respirando com mais calma e tudo foi começando a ficar claro e dolorido. O mundo parecia que estava diminuindo. Eu tremia como uma máquina de lavar roupa velha que parece que vai levantar vôo. Talvez estivesse babando. Eles olhavam para mim como quem espera o moribundo dar o último suspiro para tripudiar em cima do corpo morto. Dei mais dois tiros e tomei mais um comprimido de anfetamina com vodka. “O dobro ou nada que carrego mais dez, cambada de porco.”

O futuro vindo depois da curva

A merda toda tá acontecendo. Este momento de espera é uma bosta. Tem gente que nessas horas fica pensando em como tem o pinto pequeno, que a amante tá metendo com outro que tem um pinto gigante, que se a receita tiver poder de polícia fudeu, ou qualquer outra merda que resuma a existência a algo vergonhoso. Pessoalmente, prefiro pensar em paz e tranquilidade num quarto aveludado e com Netflix. Cigarros, baseados e coca-cola até o corpo simplesmente desistir de sustentar uma mente tão bem acomodada. “O cara não tá gostando não. Tamo brigando pra não precisar refazer tudo desde o conceito, mas tá foda.” Entrei no banheiro com o Walter reclamando da eterna batalha entre quem recebe para fazer e quem paga para contestar. “Refazer tudo? Do zero zero mesmo?” Pinto, mulher, imposto. Vou me matar porque não quero repensar uma campanha inteira de troca de óleo. “Ele quer animações como no filme da Disney.” O Walter bateu duas carreiras na pia do banheiro. Cheirou a primeira. “Sério? Ele citou Disney?” “Uma coisa tipo Speed Race, sendo literal.” Cheirou a segunda. “Apela. Fala de Geração Z, publicidade interativa, sei lá.” “Meu nariz tá limpo?” “Tá.”

Quando entramos no carro o clima de velório era indisfarçável. Filmes, teasers, brigas e quase metade do orçamento. Tudo morto, e o cliente queria ver o enter-

ro em desenho animado, um carrinho feliz e sorridente trocando o óleo enquanto come hambúrguer com fritas. “Conseguimos salvar o conceito. A gente pega o que a gente tem, passa para um freela de animação como briefing e manda ele criar um filme de 30s. Assim, do jeito que o cliente quer.” Terceirizar é sempre uma boa solução. “Sei para quem a gente pode mandar isso, aquele moleque que fez a animação do nosso logo no evento de Recife.” Já tenho trinta e poucos, não sei se estou afim de enfrentar esse tipo de merda. O sonho tinha evaporado. “Depois vai ter que refazer todo o material promocional com um material de vídeo? Desenho das imagens em vetor, banners, tudo?” “Também vou ter que acordar arrependido amanhã para aceitar isso.” Quando era pequeno, no Colégio Virgem Rosa Maria, todo mundo me dizia que se estudasse, me dedicasse, fosse persistente, eu venceria. Acreditei nisso. Tenho diplomas na parede e até uma estante de troféus. Bando de salafrários. “Já estou arrependido. Devia ter feito um curso de torneiro mecânico no Senac e inventado alguma coisa revolucionária como uma mangueira que encolhe como um pinto murcho.”

Passamos pela boca da zona sul e pegamos pó para arrebentar o nariz. Deixamos o Walter no estacionamento da agência e eu e a Rosana fomos para casa dela. Nos meus melhores dias da adolescência pensava que com 30 anos teria uma casa grande, mulher e filhos, carros na garagem. Ia trabalhar numa coisa grande, onde eu ia ser vital e fazer reuniões. Todo mundo ia ter orgulho de mim. Não foi assim. Moro num buraco enterrado num quarto andar de um prédio sem espelhos e tenho que aceitar a análi-

se crítica de cretinos sem ao menos poder me defender. “Olha, o Walter é meu sócio, era função dele estar lá.” “O Walter é um idiota que ainda acha que é só anunciar no Jornal Nacional que vende.” Meu caso com a Rosana é crucial para se entender como funcionam as engrenagens da sociedade pós-moderna. Fui recrutado como redator-júnior de uma grande agência de publicidade, da qual ela era gerente de contas. Nesse tempo eu namorava a Dandara, que me convenceu, a base de chantagem emocional e Rivotril, a ir numa casa de swing apimentar nosso relacionamento. Fui surpreendido por uma coroa que tratou meu pau como nenhuma outra mulher tinha feito. Não queria nem saber quem estava fodendo a Dandara. Era impressionante ver aquela mulher dedicando aquela quantidade de energia numa chupada. A gente se cruzou na agência uns dias depois, em um ano eu tinha sido promovido a diretor de arte e transavamos como animais em convulsão regularmente. Ela e o Walter, que também era gerente de contas, roubaram dois clientes da big one para abrir a própria agência. Pedi as contas, fiz um bom acerto por fora, investi a grana em bitcoin, e entrei nessa barca como o cara que manja de imagens, acredito eu, e esta comendo a toda poderosa, diriam outros.

A atitude natural a se tomar depois de cheirar, meter e beber como se houvesse algo a se comemorar pareceu ser ingerir um comprimido de alprazolam e acender um baseado. “Tudo bem, os custos vão aumentar um pouco, mas a gente ainda está ganhando muito.” Isso é aceitar os fatos. No fim tudo se resumia a orçamento, líquido, bruto, tributável e caixa 2. “Ok, mas se é pra ser qualquer

coisa que o cliente quer porque pesquisa, reunião, conceito, produção? Manda tudo para o cara do Recife.” “In a world that’s full of shit and gasoline, baby, nas palavras de Josh Homme.” É difícil manter uma conversa linear com tanta coisa tentando fazer efeito na cabeça. “Colocado isso, o que significa manter o serviço de telemarketing que atende nos EUA operando em Nova Deli?” “Que é mais barato ensinar um indiano a falar inglês e pagar a ligação internacional?” “Eles precisam se sentir superiores. Seja lá quem for que estiver atendendo eles, eles precisam se sentir superiores. É bem mais fácil se sentir superior a um indiano que não sabe com quem está falando do que a um americano que sabe que do outro lado da linha tem um idiota.” Já não tinha a menor ideia de que rumo a nau tinha tomado. Sentia que estava a deriva.

Peguei um táxi e no caminho fiquei pensando no quanto de bosta um atendente de telemarketing indiano escuta de um Steve sei lá o que de uma field qualquer do interior que não consegue conectar a impressora no computador porque não sabe o que é um cabo USB. “There is no one fuck USB cable in the pack!” Não quero ser um atendente de telemarketing indiano. Cheguei em casa, dei um último tiro enquanto o computador ligava e comecei a procurar concursos para caixa do Banco do Brasil.

Rato condicionado perdido no labirinto de Skinner

Acordei de novo. Não lembro do que aconteceu ontem a noite. Não faz muita diferença. Não gosto de lembrar muito das coisas. Lembranças podem arruinar uma vida inteira em busca de porquês. Também não lembro de onde vem as dores, tenho a impressão que elas sempre tiveram aqui. Sempre soube que é muito mais fácil aprender a conviver com os problemas do que tentar resolvê-los. Não gosto de ir contra minhas convicções, e a experiência me mostrou que o melhor jeito de conviver com os problemas é bebendo. Por isso, antes que perceba que estou tremendo a ponto de não conseguir andar sem me escorar na parede, fiz um café com conhaque e raspei dois pinos que achei no bolso da calça de ontem para desentupir o nariz. Foi o suficiente para me sentir vivo, mas quando os urubus no estômago enviaram os primeiros sinais de que precisavam de mais carniça fui para o bar do Jaime.

Entrei no bar e o velho me olhou como se eu fosse um fiscal do imposto de renda. “Me dá o que essas moedas puderem pagar.” Ele empurrou as moedas para a gaveta e me deu meia dose de pinga. Um tipo texano surgiu como uma aparição do meu lado falando como quem pode mudar o rumo de uma vida. “Tá precisando de dinheiro?” “Um homem precisa pagar suas contas.” Ele estendeu

uma nota de cem com uma mão e um trinta e oito com a outra. Não estava preparado para aquilo, não é o tipo de trabalho que normalmente me oferecem num fim de tarde de uma terça-feira ensolarada enquanto estou curtindo meu momento de entretenimento forçado. “Você sabe usar uma dessas?” “Sei.” Não era o que eu estava acostumado a fazer, mas também não estou acostumado a viver sem pagar o aluguel. “Você só me dá cobertura junto com o Grandão ali e o Tonhão aqui.” “Certo.” “Se você sobreviver te dou a outra metade do pagamento.” Essa última fala me fez pensar que talvez aquele trabalho não fosse para mim, além de esperar alguma coisa melhor como informação, tipo: “é um negócio arriscado, então fica esperto” ou “não é nada demais, só precaução.” Ele me mandou esperar na frente do bar com os outros e encostou no balcão para tomar mais uma.

Ficamos na frente do bar como capangas guardando o QG. O Grandão acendeu um cigarro, pedi um para mim e coleí do lado dele. “Que tipo de negócio vamos fazer?” “Não interessa, só se preocupa em proteger o chefe.” “Não sou da polícia, só quero saber onde estou me metendo.” “Você recebeu uma boa grana e uma arma, com certeza não é para olhar as crianças no parquinho enquanto a Dona Dondoca fode com o jardineiro.” Não parecia que seríamos grandes parceiros de trabalho. Também não sei se quero trabalhar com essa organização. Me parece que eles atuam numa faixa de mercado com a qual não estou muito familiarizado. Foi nesse momento que pensei: que bom que eles não sabem que nunca atirei em nada. Em seguida um pensamento atormentador começou a sombreadar

minha mente: e se eles soubessem que eu não sei atirar só pelo meu jeito pacífico de otário e me pegaram para ser bucha de canhão?

Quando já estava perto de voltar para o bar e devolver a arma, o dinheiro e pedir desculpas por ter aceitado um trabalho que não tinha coragem de fazer o chefe saiu pela porta vai e vem. “Vamos rapazes, chegou a hora de me recompensar por pagar vocês tão bem.” Entramos os quatro dentro do Santana que estava parado na esquina e rumamos para o encontro onde é melhor levar gente armada para te defender. Saímos sem fazer barulho e andando dentro do limite de velocidade. “Olha só, nós vamos fazer assim: eu e o Tonhão vamos entrar na casa, Grandão, você fica na porta de olho no que acontece aqui fora. E você, Tripa Seca, vai ficar com o carro parado na esquina da frente observando o arrabalde. Qualquer coisa errada você aparece na frente da casa já no piloto que o Grandão sabe o que fazer.” Era isso? Ficar no carro vendo o movimento da esquina? “Ok.” “Presta atenção, se você for atirar, atira para matar. Se a gente não sair em quinze minutos vocês entram fudendo com tudo.”

Definitivamente eu não estava pronto para aquilo. Todo momento eu tentava chegar a uma fórmula que me permitisse desistir da empreitada e sair dali carregando minha honra e andando pela vontade das próprias pernas. Como diria meu pai, o covarde é quem sobrevive para viver com a glória do herói. Não quero a glória de nada, só sobreviver já me basta. Quando reparei a gente estava passando pela Vila do Médicos. O chefe parou o carro numa

esquina e mandou eu assumir o piloto. “Tá vendo onde estão aqueles dois carros parados? Deixa a gente na frente daquela casa. Depois para no fim da rua. Fica esperto no Grandão que ele que vai te dar o sinal pra você vir buscar a gente. Se você notar alguma coisa errada aqui fora você senta o dedo e vem buscar a gente aqui na frente.” Notar o que errado? Um bêbado nessa rua ia me parecer estranho, delete ele?

Tremendo e sem saber o que fazer deixei os três na frente da casa e me posicionei onde achei que o chefe tinha dito para parar. Coloquei o cano no colo e fiquei olhando pelo espelho retrovisor. O Grandão ficou parado na frente da casa conversando com outro brutamonte que tinha aparecido lá. A cada cinco segundos o Grandão dava uma olhada para mim parado na esquina. Aquilo não parecia certo. Agora era a hora de aparecer atirando? De repente um barulho de pneu derrapando fez eu dar um salto no banco e a arma cair no assoalho. Me abaixei para pegar e quando levantei o carro que tinha feito a curva na esquina a milhão parou na frente da casa e dois caras saíram pela porta detrás e começaram a atirar a esmo. Liguei o carro, engatei primeira, virei a esquina sem chamar a atenção e fui embora antes que eles percebessem minha presença.

Mosca morta em movimento linear uniforme

Droga. Minha vida continua. As marcas na cara dizem que alguém tentou dar cabo dela ontem a noite. As dores no corpo gritam que tento fazer isso faz tempo, e nem isso eu consigo. Mas ao menos cada dia estou mais perto. O sangue no vômito é uma prova incontestável. Não consigo achar motivos para sair da cama. Se eu fosse o Iggy Pop todos os meus problemas estariam resolvidos, mas eu não sou. Então vou ter que continuar enfiando a mão na merda até tirar alguma coisa que salve a minha vida dessa desgraça miserável, ou ela acabe. Será que eu precisaria viver se não tivesse contas para pagar? Vou fazer um café para ver se encontro alguma coragem para encarar o mundo lá fora sem ter um surto de loucura e desespero. Ainda há cigarros, então há esperança. Tem um pedaço de queijo na geladeira, não contava com isso. Sinto a mão de Deus aqui.

Rumo para o bar do Jaime como um rato condicionado num estudo de Skinner. É, eu posso ser um viciado, estar enterrado na bosta até o pescoço, mas eu sei quem foi B. F. Skinner e o que ele fazia nos verões passados com as suas cobaias. Não sei onde a filha do Jaime passa as tardes, mas ela nunca está por aqui. Ele não consegue disfarçar todo o desprezo por mim e o resto da humani-

dade. Coloquei uma nota de dez no balcão e colhi uma garrafa de cerveja e uma dose de pinga. “Eu estive aqui ontem a noite?” O velho carrancudo franziu a sobrancelha e começou a suar. Entendi como um sim. “Preciso de trabalho. Você está sabendo de alguma coisa?” Ele pegou um pedaço de papel e escreveu um endereço.

O lugar era um armazém gigante ali perto. As portas estavam abertas, e um tipo Vic Vega andava de um lado para o outro com um copo de refrigerante numa mão e um cigarro na outra. É, eu posso ser um viciado, estar enterrado na bosta até o pescoço, mas eu também assisto aos filmes do Tarantino. “Quem te mandou aqui?” “O Jaime, do bar. Perguntei de trabalho e ele me deu seu endereço.” “E você aguenta o trabalho pesado?” “Se eu não aguentar você não me paga.” “Fechado. São cem mangos. Espera com o resto ali que o trabalho já está chegando.” “Tem um cigarro?” O cara ficou me olhando como se eu tivesse falado qualquer coisa absurda, tipo, você chupa pinto? “Não.”

Fui me juntar aos outros. Fiz um sinal e o camarada com cara de marinheiro sem navio me deu um pouco de tabaco e um guardanapo de lanchonete. Éramos seis. É, eu posso ser um viciado, estar enterrado na bosta até o pescoço, mas eu sei que esse é um livro do Maria José Dupré adaptado para a televisão e o cinema, mas não tem nada a ver com o contexto aqui. Sei o que é contexto também. E estamos falando só de seis pessoas que não falavam nada, e a maioria preferia ficar olhando para baixo a maior parte do tempo.

Três caminhões refrigerados entraram no depósito ao mesmo tempo que o metido a chefe que não era chefe de porra nenhuma gritou: “Vamos cambada de vagabundos. Chegou o trabalho.” Eles abriram as portas e entre as carcaças mortas e penduradas por um gancho havia caixas com sabe-se lá o que. “Vamos seus preguiçosos, todas as caixas para fora. Rápido.” Alguém tirou um par de tábuas de madeira de não sei da onde e fez uma rampa no primeiro caminhão. Cada caixa devia pesar uma duas toneladas. Ok, não eram duas toneladas, foi só uma ironia. É, eu posso ser um viciado, estar enterrado na bosta até o pescoço, mas eu sei usar figuras de linguagem.

Tinha um moleque tosco que queria provar alguma coisa para não se sabe quem. Enquanto todos os outros vagabundos fodidos descarregavam uma caixa ele descarregava duas. Quando começamos o segundo caminhão tinha a sensação de que não ia conseguir chegar até o fim daquela empreitada. O Vic Vega apareceu na frente da rampa e gritou para mim: “Ei, estorvo, se não aguentar eu não pago, lembra?” Os tiros começaram enquanto ele ria. Um o acertou em algum lugar e ele caiu. Me escondi no fundo do caminhão e só escutava gritos, tiros e o estalar dos metais. De repente o caminhão começou a se mexer, saiu do galpão e acelerou sem dó pela rua.

Me sentia como o Eddie Murphy nas primeiras cenas de Um tira da pesada II. É, eu posso ser um viciado, estar enterrado na bosta até o pescoço, e ter desperdiçado a adolescência assistindo Sessão da Tarde, mas e daí caralho? O caminhão parou me lançando para o chão e o fun-

do do baú simultaneamente, confirmando violentamente todas as leis de Newton. Foda-se se eu sei ou não as três malditas leis de Newton. Sai correndo e pulei no meio do trânsito. Era um semáforo. Escutei a porta da cabine do caminhão abrir e um grito de “Ei!” e corri como nunca meio abaixado até conseguir virar a esquina. Me certifiquei de que não estava sendo seguido e percebi que estava todo cagado e mijado. As pessoas desviavam de mim e eu tremia como uma máquina de lavar roupas velha. Fui para casa antes que alguém me oferecesse ajuda.

Kid Neb

As vezes gosto de evitar pensamentos como: “o que eu tenho que fazer hoje?”. São pensamentos que me fazem invernar num labirinto de tempo perdido e futuro curto e indeterminado que me conduzem a acreditar que não há solução para os problemas da humanidade. Não sei se um ser como eu é capaz de enumerar todos os problemas da humanidade. Talvez eu não seja capaz de enumerar todos os meus. Apesar disso me parece um fato que os problemas existem. Os meus e os da humanidade, e olhando daqui não parece que algo possa ser feito para resolvê-los. Nesse momento estar vivo parece um fardo que não vale a pena carregar. Talvez seja a hora de acreditar num Deus todo poderoso que vai me redimir dos meus pecados e abrir as portas do paraíso para mais uma alma vítima das futilidades da vida terrena. Chegou a hora da grande revelação Senhor. Estou pronto para recebê-la, jogado num colchão da grossura do meu punho seco e cansado de esmurrar ponta de faca. Minha vida só poderia ser pior se eu tivesse usando um terno e uma aliança no dedo. Mas isso não é consolo, se parece mais com uma desculpa para um romance barato.

O café requentado de ontem ainda serve para liberar meu intestino do peso das minhas merdas que ele carrega. Toda vez que sento na privada para cagar sinto que ainda resta em mim um fio de dignidade pela qual vale a

pena lutar, mesmo que ele pareça jorrar pela minha bunda como as cachoeiras do Niágara. Não sou muito diferente de um burro no que diz respeito às posses e aos direitos, se é que é possível que um burro tenha posses e direitos. Mas ao menos não saio por aí na rua cagando com o cu frouxo como se nem estivesse percebendo a bosta se espatifar no chão. Eu sinto tanto ela sair que às vezes preciso colocar uma parte para dentro de volta. É toda dignidade que consegui preservar depois de todos esses anos. E mesmo assim ela dói como um parto, mesmo que eu nunca vá saber como um parto dói.

Depois de olhar, minuciosamente, cada grão de poeira que repousa calmamente por toda parte da casa, de pensar profundamente sobre todo conhecimento que ele carrega sobre o mundo, por todos os lugares que passou, coisas que viu e experiências pela qual foi submetida, conclui que o melhor que poderia fazer para atenuar esse sentimento de perda permanente que preenche o meu vazio era ir para o Bar do Jaime. A forma como eu andava, as roupas que usava, a cara amassada, os gestos compulsivos, tudo me denunciava como um ser humano esquecido por Deus e mau dito pela sociedade. “Você esta fedendo.” “O cheiro não é meu, é do bar.” Se aquele velho safado não tivesse o controle das garrafas que ficam atrás do balcão poderia até ser que fôssemos iguais. Coloquei meu chapéu de lado no balcão e mostrei uma nota de vinte para poder ser identificado como uma cidadão com direito a beber qualquer coisa que eu quisesse beber. Sem demonstrar nenhum tipo de gratidão o Jaime colocou um copo de conhaque e uma cerveja na frente. “Não tem troco.”

“Eu pego o resto em líquido.” Ele ficou me olhando como quem deseja profundamente que outro alguém desaparecesse numa passe de mágica, mas não foi o suficiente para evocar alguma entidade capaz de me fazer sumir. Talvez Deus e o Diabo também não dessem a mínima para ele. Agora sim parecíamos iguais.

Barulhos de pneu derrapando e tiros começaram a invadir todo lugar com o cheiro de pólvora, gasolina e borracha queimada. O Jaime deu três passos para o trás e ficou com o sossega malandro ao alcance das mãos. O silêncio se instalou pelo bar e os olhares se voltaram para o infinito. Um covarde entrou no banheiro para fugir pelos fundos. Continuei olhando para baixo na esperança de que nada que pudesse abalar minha vida miserável passasse por aquela porta. Três caras usando casacões de couro e chapéus com as pontas amassadas entraram no bar rindo como se alguém tivesse contado a piada mais hilária do século. O Jaime veio andando a passos curtos na direção do balcão usando o sossega malandro para se escorar, mas de um jeito que deixasse bem claro que ele tinha culhões. “Pode ficar tranquilo velho, só nos de três doses de alguma coisa quente.” Sem desfazer a cara de carrancudo ou pronunciar uma palavra o Jaime colocou os copos em cima do balcão. “Então velho, onde ficam as mulheres dessa cidade?” “Ei, Clint, nessa cidade só tem gambas...as mulheres tem pelos nas tetas...” (risos) “Aqui é só um bar, acho que o que vocês procuram fica a leste na estrada.” Não havia o menor sinal de tranquilidade nas palavras do Jaime.

Também não havia o menor sinal de que os três fossem pegar a estrada para o leste. Tirei o copo do balcão em direção a minha boca, ávida por se manter fechada, quando o dito Clint amassou o que restava do meu chapéu com um soco. “Ei fedorento, sua mulher tem pelos nas tetas? Ow, você não tem uma mulher...” (risos) Não deviam mexer no chapéu de um homem. É como se toda aquela dignidade que eu coloquei de volta para dentro de manhã subisse como um raio direto para a cabeça. Saquei a 22 escondida no meu bolso e acertei a cara do bastardo. O Jaime pulou do balcão e começou a marretar a cabeça de um dos escroques com o sossega malandro, enquanto eu avancei na direção do segundo com uma joelhada no seu saco e uma série de coronhadas na sua orelha. Ele caiu no chão se retorcendo. Era o único dos três que ainda se mexia, então dei o tiro de misericórdia. Senti que minha dignidade estava escorrendo pelas minhas pernas na forma de um líquido quente e viscoso. Peguei meu chapéu e voltei para casa em passos curtos.

Fábrica de chocolate verde

Em dias como este eu realmente não queria existir. Nos outros também não, mas nestes, em espacial, não queria mesmo. Não sei por quê acordei. Não quero saber a hora. Nem o dia. Não quero viver. Se a cama não estivesse molhada com toda imundice que meus poros expeliram nas últimas horas poderia morrer sem sair dela. Iam demorar mais de três dias para alguém me achar porque os vizinhos já estão acostumados com o cheiro podre que esse lugar exala. Se um banho fosse só o começo da solução dos meus problemas eu tomaria um. Talvez o Grande Arquiteto ainda me mantenha respirando como prova viva da degradação do ser humano. Para continuar nessa grande missão preciso beber. Por isso coloquei uma roupa seca e fui para o bar do Jaime. Sentei e pedi dois ovos de codorna e uma pinga. Olhei para a televisão e uma senhorrinha loira, limpinha e perfeita, tentava convencer o mundo de que uma câmera fotográfica não era só uma câmera fotográfica, além de tirar fotos ela cozinha, lava e passa, e valeria um milhão, mas poderia ser comprada por dez meras parcelas de sei lá quanto. Acho que uma propaganda de cigarro seria mais honesta, e que definitivamente o sol não brilha para todos.

Investi meus últimos trocados em uma garrafa de cerveja. Eis uma coisa que pode tornar a vida de um homem melhor. Entre um apresentador que tentava vender

cintos de couro e os comerciais um cara entrou no bar, cercado de mais três inúteis, e sentou do meu lado. “Você quer cem mangos?” “Se o Jaime não cobrasse por esse mijo de água quente, não.” Entrei na caçamba de uma caminhonete e saímos pela cidade como ratos que correm num labirinto. De repente a porta de um depósito se abriu e entramos como o Batmóvel na Batcaverna. Lá dentro o Alfred se agarrava num trinta e oito enferrujado e ninguém parecia muito interessado em fazer justiça. Tinha uma prensa gigante, uma embaladora a vácuo, cortadeira, esteira rolante e tudo mais que uma linha de produção precisa para funcionar. Como soldados amestrados cada um foi para sua posição no campo. O coronel apontou para o lado e começou a falar. “Esta vendo aqueles tijolos de maconha caindo da esteira no carrinho?” Eram dezenas, um cego veria, não tinha como negar. Só disse que sim com a cabeça. “Você espera o carrinho encher, tira ele, coloca um vazio e esvazia o carrinho cheio dentro daquele contêiner, entendeu?” Mexi a cabeça para cima e para baixo.

Assumi meu posto e o balé começou. Primeiro um peão misturava um saco de alfafa com um saco de maconha, então jogava tudo num misturador. De lá o blend escorria para a prensa, que transformava tudo em tijolos de um quilo. Depois eles passavam pelos embaladores, que por fim descarregavam o produto na esteira rolante que ia até mim. Fazia um esforço desgraçado para arrastar as roldinhas que deveriam rolar. Com a ajuda de uma alavanca emperrada tinha que virar aquele monte de mato prensado dentro da caixa de bombons jamaicanos gigantes. Na terceira viagem minhas costas começaram a avisar que eu

ia ter que fumar muito daquilo para ela não reclamar por semanas de tanto esforço. Foram três horas de trabalho e, quando eu já não sentia mais nada, tivemos um momento de descanso. Aparentemente o gerador que movimentava aquelas geringonças tinha ficado sem combustível. Nem máquina funciona sem álcool, por quê eu seria diferente? Alguém apareceu com um baseado gigante bolado e os desocupados fizeram uma roda para celebrar a fartura. “Dizem que a maconha pode ser usada para fazer tecido, papel, óleo e mais não sei o que. Será que dá para fumar roupa de maconha?” Falou o cara do baseado. “Claro que sim, é de maconha.” Respondeu um outro qualquer. Pensei que as vezes a verdade não importa tanto e fiquei quieto.

O ritmo de trabalho tinha ficado alucinante depois de um bom tempo parado. O efeito do baseado havia deixado todo mundo meio introspectivo e o silêncio reinava. “Vamos seus molengas. Você são vagabundos, não putas. Não estão ganhando por hora.” O coronel agora tinha virado leão de chácara, poderia até usar um chicote se tivesse um. As máquinas faziam um barulho ritmado que poderia estar tocando numa daquelas festas que acontecem bem longe da cidade e duram o dia e a noite inteiras. Comecei a viajar que aquele carregamento ia abastecer malucos de todas as partes do mundo. Se estavam colocando em contêiners é porque iam transportar num navio. Para Europa provavelmente. Talvez os caras do Led Zeppelin fumassem ela, ou uma modelo antes de um desfile de moda em Paris. Com certeza uma parte ia ser fumada na rua, por estudantes e professores. Em algum lugar um padre meio

pecador poderia fumar ela. O mundo inteiro poderia ser feliz com aquele tanto de erva. Tanta maconha assim poderia até parar uma guerra. No meu céu todas as nuvens tem um pezinho.

Quando eu estava perto de fumar um baseado com Deus e o Diabo para selar a paz celestial o portão da Batcaverna abriu e me cuspiu para fora do paraíso. Carrinho emperrado e alavanca arrastando eram a minha realidade, e nela ninguém parecia contente com aquele movimento repentino. Duas motos entraram com escapamentos barulhentos que não tocavam no mesmo ritmo das máquinas. O coronel começou a gritar alguma coisa sobre “o que esta acontecendo aqui!?” e foi na direção delas com um dos brutamontes. A resposta veio na forma de balas, disparadas por pequenas metralhadoras, como as que os bandidos usam nos filmes do Charles Bronson. Todo mundo se jogou no chão sem saber para onde correr. Pensei em me fingir de morto até escutar o barulho das motos saindo, mas o que escutei foi a voz de uma mulher. “Ei!” Olhei por debaixo do carrinho e vi uma loira e uma morena segurando dois capacetes e duas armas. “Vou pagar o dobro do que ele prometeu para cada um se tudo isso estiver pronto antes do sol nascer. Não parem.” Então voltamos a trabalhar.

Cachorro no mato

Era uma multidão. Um fluxo aleatório de gente indo para cá e para lá. Bruna vinha andando como quem não quer nada, mas com o ritmo de quem sabe onde quer chegar. Só seguindo o fluxo da sua linha. Quando viu o pato vindo concentrado na tela do celular ela deu o bote. Rápida como uma naja atacando um ratinho branco especialmente para as câmeras da Discovery. A super-câmera ia mostrar em detalhes como o punho dela se dobrava num ângulo perfeito para baixo e depois para cima, retirando com suavidade e segurança o celular da mão do duck. Ela não mudou o ritmo da caminhada, não fez nenhum movimento brusco. Só os músculos do braço se moveram como um chicote. Do bolso e de volta para o bolso, carregada, em milésimos de segundos. Quando o pato atordoado acusou o golpe Bruna já estava pelo menos dez passos longe da confusão. Daí para frente era só não olhar para trás. Ela entrou num shopping shing-ling e esvaziou os bolsos num balcão. “Quanto tempo faz você roubar isso?” “Foi tudo agora, se você correr para mudar o PIN não vão nem conseguir travar.” “Você boa.” “Me paga.” O chinês, que na verdade é coreano, deu o dinheiro e Bruna colocou as notas no sutiã. Como uma estudante de uma faculdade tradicional qualquer ela caminhava desapercebida pelo formigueiro do centro da cidade.

De repente Bruna sabia que estava sendo observada. Manteve as mãos quietas nos bolsos e continuou a tocada firme. Girou só um pouco a cabeça, como quem quer ver o que esta acontecendo em volta de si, e percebeu que ele estava três passo atrás, do seu lado esquerdo, falando num celular. Quando ela se virou para frente de novo ele tocou seu ombro e se aproximou. Num terceiro movimento um cano frio tocou a sua cintura. “Só vem comigo. É só uma conversa.” Aversa a chamar atenção ela só seguia a direção que o cano apontava.

Os dois entraram num prédio com aspecto de velho, depois numa das salas do sétimo andar. Ele pediu para que Bruna encostasse na parede para ser revistada. “Cuidado com essa mão aí!” Ela falou só por implicância. “É estranho quando é o seu bolso com uma mão que não é a sua?” O capanga abriu a porta de outra sala e mandou ela entrar. Um velho carcamano meio chinês (ou coreano?) estava sentado do outro lado de uma mesa. “Entrar cara Bonnie. Você saber quem ser eu?” “Não.” “Eu ser quem todo mundo que fazer coisa errada alguma aqui ter que pagar. Me entender?” “Não vou mais fazer nada de errado aqui então.” “Vai sim. Vai porque você boa. Vai porque Sr. Antônio ganhando muito dinheiro vendendo o que você entregar ele, e eu ganhar muito dinheiro também. Vai porque eu querer que você vai.” Ela ficou olhando sem saber o que falar. Não precisava ter assistido um filme do Scorsese para entender o que estava acontecendo. “Agora o Sr. Antônio me pagar 20% do que você ganhar, porque ele pagar sua parte mim. Assim nunca precisar nós ver. Entender?” Bruna acenou que sim com a cabeça sem

conseguir mais esconder o medo. “Agora poder voltar ao trabalho.” Ela se levantou e saiu.

Indignada ela foi em direção ao cubículo do Sr. Antônio no shopping shing-ling. “No que você me enfiou seu chinês desgraçado?” “Calma. Não nervosa.” “O que você falou para ele seu cretino?” “Que você ser boa. Ele proteção. Você não cadeia.” “Proteção o escambau! Não tenho dono!” “Calma. Não nervosa. Eu paga metade sua parte. Pronto.” “Chinês burro!” Ela voltou para o mundo sem muito destino. Tinha o trabalho do dia no peito e percebia o tempo todo que estava sendo vigiada. Irritada com toda aquela situação ela entrou repentinamente num ônibus sem nem ver a bandeira e saiu dali.

Conseguiu se virar por três dias com o dinheiro que tinha até se entregar a loucura orgânica do calçadão do centro da cidade. No momento em que desceu a ladeira, e avistou a massa desordenada de carne humana atravessando o viaduto, já sabia que estava sendo vigiada. Fez uma primeira coleta de aparelhos e voltou para o box chinês-coreano. “Você não aparecer. Eu ficar preocupado.” “Preocupado porra nenhuma. Quem mais vai querer me extorquir dessa vez?” “Que? Eu não entender você querer dizer. Istoiqui?” “Tá bom, tá bom. Só me dá meu dinheiro. Entender me-dá-dinheiro?” “Sim, sim.”

Ela pegou a grana e voltou para as ruas. Não procurava mais quem há estava seguindo, apenas sabia que eles estavam lá. Então começou a se exhibir. Primeiro roubou a carteira de um executivo depois de um encontrão ‘aci-

dental'. “Desculpa” foi tudo que o palerma disse para ela, que respondeu com um sexy “tudo bem” enquanto enfiava a carteira dele no bolso da calça. Mas não conseguia fugir de sua especialidade, as chicotadas. Viu o cordeirinho vindo de longe. Digitando compulsivamente. Levantava a cabeça sem o menor foco. Ajustou a direção para passar ao lado dele. Calculou a rota de fuga por detrás da presa. Colocou as mãos no bolso do moletom e foi para cima com a confiança de uma leoa que ataca um cervo em campo aberto. Quando ela estalou o braço de volta com o celular na mão sentiu um empurrão por trás. “Sua larapia maldita!” Não conseguiu distinguir as palavras enquanto caía esbarrando nas pessoas e abrindo um círculo no meio do povo. O dono do celular virou lobo e foi para cima dela uivando. Socos, chutes e pontapés aos gritos de “mata! mata! mata!” da torcida. Toda encolhida no chão ela foi resgatada por duas mãos e arrastada para dentro de um carro. Bruna tremia e chorava descontroladamente. Só começou a se sentir mais segura quando percebeu que era o capanga do velho carcamano meio chinês que dirigia o carro.

Super-herói, geléia e a voadora dupla

Eram quase meia noite e o tumulto estava formado no meio da praça. A multidão estava disposta em círculo se aglomerando e gritando por sangue. Dois caras trocavam socos e pontapés como se aquilo fosse um duelo de morte, mas sem uma donzela para o vencedor. Neb se aproximou e foi se enfiando no meio da massa humana. Dois caras ficavam recolhendo o dinheiro das apostas enquanto o lado animal dos apostadores afluía através de expressões de ódio e brados de guerra. Um dos lutadores caiu e o outro ficou cambaleando. Então um dos bookmakers entrou no centro da roda e levantou o braço direito do que ficou de pé cambaleando. “Marreta! O nosso campeão!” O povo se dividia entre o “foi marmelada” e o coro de “Marretada! Marretada! Marretada!” Dois peões entraram no picadeiro e retiraram o perdedor como se ele fosse um saco de bosta encharcado de sangue. O Marreta pegou uns trocados com o bookmaker e saiu se arrastando para cair num banco um pouco mais a frente.

“Vamos para a próxima luta desta noite: pagando 2 para 1.....Sangue nos Olhos contra Punhos de Aço!” Sobe o som da platéia ovacionando os gladiadores e um gigante aparece de um lado do corner dando socos na própria cabeça e urrando como uma loba no cio. No outro canto um magrelo fortinho pulava de um lado para o outro apoiando a mão no chão como um primata de-

safiando todo bando. Não tinha juiz, nem conversa, nem regra. Mas antes do fight o bookmaker entrou no meio do ringue e convocou: “Quem vai para o próximo páreo?” Um gordão com cara de estivador surgiu do meio da torcida derrubando dois ou três lorpas e estufou o peito como quem diz “chegou o macho alpha”. “Alguém aqui acha que pode vencer o He-Man!?” Neb pediu licença para um pedreiro que estava na sua frente e deu dois passos curtos com o braço levantado. “Eu.” Fez-se o silêncio, e todos olharam quietos por um segundo para aquele gordinho de um metro e setenta e 100kg de geleia. No segundo seguinte todos riam e apontavam para Neb. “Para de brincadeira.” “Chama um homem para brigar.” “Tira este bibelô da vovó daí antes que ele se machuque!” Neb não mudou sua expressão e ficou olhando fixo para o bookmaker. “Você sabe onde esta se metendo?” Ele perguntou. Neb acenou que sim com a cabeça.

A batalha começou e Neb ficou num canto observando os primeiros momentos do combate entre Sangue nos Olhos e Punhos de Aço. Eram um grandão lento e um magricelo articulado se testando. Pareciam estar trocando socos amigavelmente até que um conseguiu derrubar o outro e a coisa esquentou. No meio do empurra-empurra Neb sentiu alguém puxando seu braço para fora da agitação. Era um dos bookmakers. “Vamos fazer um acordo: você cai quando levar o primeiro soco e te pago e mesmo que pago para os vencedores. Não quero mortes aqui, elas atrapalham os meus negócios.” “Acho que não vou morrer aqui hoje.” O bookmaker deu um sorrisinho irônico. “Você que sabe. Mas antes de começar a briga saiba que

o perdedor não leva nada, e você ainda tem tempo de sair daqui sem nada e andando.” Depois disso ele começou a agitar a mão com o maço de notas e voltou para o meio da baderna. Neb chegou até o limite do círculo e viu que os Punhos de Aço não eram o suficiente para abater o Sangue nos Olhos. O sonho acabou num gancho de baixo para cima que fez o maxilar do Sangue chacoalhar como uma máquina de lavar roupa velha.

Dois palermas levaram o perdedor desmaiado para longe. Sangue nos Olhos se propôs a lutar mais um round. O oponente seria um velho mau encarado e com marcas que diziam que esta não seria a primeira vez que ele se arriscava a levar uma surra. Antes de anunciar a próxima briga o bookmaker olhou para Neb como quem diz: é sua última chance. Ele levantou um pouco as mangas da camisa e virou o boné para trás. “Do meu lado direito, pagando 2 para 1, o esmagador de ossos He-Man!” O brutamente estufou o peito e gritou com gosto: “Vou acabar com você monte de banha. Você nunca mais vai conseguir andar!” E a galera apoiava. “Mata, mata, mata.” Discretamente, Neb tirou um pó branco do bolso e mandou tudo para o nariz. Depois começou a se contorcer como um robô enferrujado. “Do meu lado esquerdo, pagando 20 para 1, o desacreditado Peixe Ensaboado.” Ele entrou no círculo debaixo de risadas, mordendo a gengiva e com a boca escorrendo sangue. “Volta para lagoa senão vai virar abóbora esmagada!” “Hoje vai ter peixada!”

O bookmaker abandonou o rinque e o He-Man acertou dois jabs de esquerda em Neb, que não tentou

desviar nem acusou o golpe. O brutamontes levantou os braços chamando a galera e começou a fazer chacota. “Vamos lá, você já tinha que ter caído.” Neb não se mexia muito, apenas se contorcia e mascava a gengiva. Vieram então mais dois jabs e um cruzado de direita que fizeram Neb bambiar no rumo do chão e fazer malabarismo para não cair. “Acabou marreco, sua hora chegou.” He-Man foi para cima com raiva e urrando. Neb abriu passagem para o touro, mas deixou o pé no caminho. O grandão tropicou e fui direto para a galera, que o impulsionou de volta para o centro da roda. Incorporando as habilidades de Shawn Michaels Neb deu uma voadora dupla na boca do estômago do big boy, que caiu para trás como uma banana podre e começou a se retorcer com falta de ar. Com uma agilidade inesperada ele levantou e bateu um tiro de meta na cabeça do He-Man, que dormiu na hora. O silêncio que se seguiu foi atormentador. Neb virou ofegante para o bookmaker, que estava parado com a boca aberta e a mão para cima cheia de dinheiro, numa espécie de transe. Lentamente ele entrou no ringue e anunciou o vencedor. Neb pegou o pagamento do campeão e saiu se contorcendo.

Vivendo a emoção de cada dia

Quebra Coco acordou era pouco mais de duas da tarde. Quando abriu o olho viu que estava encostado numa parede verde musgo toda mofada usando o casaco como travesseiro. Tinha dois ou três corpos esparramados no mesmo ambiente. Uma casa abandonada no extremo da zona oeste. Ele levantou, juntou as coisas, e saiu um pouco ressabiado. Deu uma olhada pela esquina na procura de alguma tocaia, mas concluiu que estava tudo limpo. Pegou um ônibus sentido zona sul e foi para casa torcendo para que nada nem ninguém envolvido na noite passada cruzasse seu caminho. Quando entrou Lucélia estava sentada no sofá vendo televisão, bebendo e fumando um cigarro.

– Onde você estava? Já estava me preparando para ligar no necrotério.

– A noite ontem foi complicada, tive que ficar num esconderijo até agora para a poeira baixar e eu conseguir circular. Não sabia se tinha sido reconhecido. – Ele tirou um maço do dinheiro e jogou na mesa. – Tem aí para você pagar o aluguel e ainda ficar com um pouco.

– Só isso? Vale tanto risco só por isso?

– Foi um pouco mais, mas tive que pagar umas dívidas. Esta noite vai ser melhor. O Remela tá mirando um negócio aí que da para tirar o pé da lama.

– É sempre assim. O Zé tem o plano perfeito, o Fulano esta programando uma coisa grande, você está sentindo que vai acontecer, e no fim você passa a noite fazendo sequestro relâmpago e pegando migalhas!

– Ei! Não estou nessa por estas migalhas! Você sabe disso. Preciso só de tempo para encaixar o grande assalto. Estamos todos trabalhando nisso, mas não é fácil. Já conversamos disso. Seguranças, alarmes, cofres.....precisa de investimento, inteligência.....enquanto isso precisamos viver e eu vou fazendo uns bicos.

– Estes bicos são o problema.....há anos você esta fazendo estes bicos e aonde chegamos? Você está com sangue na camiseta. Eu tenho medo.....tenho medo de saber de quem é....tenho medo de perder você.....

– Por isso temos que aproveitar ao máximo todo tempo que temos juntos. Cadê a pequena?

– Comeu e agora esta dormindo. Deixa ela em paz um pouco.

– Vou no supermercado e quero levar ela comigo. Não tem nada para comer nesta casa. Antes vou tomar um banho e fumar um relaxante, depois acordo ela.

Enquanto ele estava no banheiro a pequena Caroline acordou. Logo que percebeu que o pai estava em casa foi correndo para o quarto dele ver se ele tinha trazido algum presente. A animação dela ao ver Quebra Coco era contagiante. Mal ele abriu a porta do banheiro chapado ela pulou no colo dele gritando. Ele jogou ela em cima da cama e ficou fazendo tantas cocegas que ela ria tão alto que parecia que o quarteirão todo podia escutar. Lucélia via tudo da sala e agradecia a Deus por ter uma família tão feliz. Daquele ângulo parecia tudo quase perfeito. “É tão bonito ver eles juntos”, ela pensou enquanto os dois iam cantando para o supermercado.

– Posso pegar um chocolate?

– Pode.....não, não precisa colocar dentro do shorts..... vamos pagar.

– Mas a gente não é ladrão?

– É, mas lembra que eu disse que tem que ter ética, nós não queremos ser pegos. Tem que roubar de quem está pedindo para ser roubado.

– A gente só rouba de quem tem tanto dinheiro que pode roubar, né?

– Isso mesmo. Nada de roubar velhinhas, lojas de conveniência ou doces no supermercado. A gente não precisa disso. Somos decentes.

– Papai, a Vovó disse pra mamãe que você é um ladrão filho da puta. O que é um filho da puta?

– Resumidamente, tudo que sai de dentro da sua Vó.

– O que sai de dentro da Vovó?

– Nunca te contaram como as pessoas nascem? Viu o que quero dizer quando falo que sua mãe não te ensina nada de útil? Já tem cinco anos e não sabe como as pessoas nascem? O que você faz na escola?

– Converso com meus amigos, corro da professora, durmo, como macarrão...

– Não ensinam nem o que não precisa na escola hoje em dia. Aqueles filhos da puta estão enganando todos nós com este papo de educação!

– Eles saíram de dentro da Vovó?

– Não! Mas são tão chatos quanto ela.

Pai e filha voltaram para casa. Lucélia continuava envolta no losango sofá, televisão, cerveja e tabaco. Era um sofá velho, rasgado, azul desbotado de uma promoção de loja de crediário. A TV era nova, com tela de plasma, que o marido trouxe de ela prefere não saber. A cerveja era barata, e ela não tinha a menor preocupação em bater cinza em algum lugar que não fosse o chão. O Quebra Coco guardou as compras enquanto a pequenina foi mostrar o

chocolate para a mãe, que passou a mão na sua cabeça e sorriu com uma alegria falsa. Ele saiu da cozinha com uma cerveja na mão e sentou do lado da esposa.

– Você não obrigou a menina a roubar este chocolate, né, seu filho da puta? Olha lá o que você está ensinando para ela.

– Ei! A criança nem sabe como os bebês nascem e você está me falando que eu estou ensinando coisa errada para ela? Presta atenção!

– Pai, quer chocolate?

– Não. Fica assistindo televisão quietinha que eu e a sua mãe precisamos conversar no quarto.

– Agora não.....não estou me sentindo bem. Também não quero que ela fique escutando os barulhos ou pegue a gente de novo. A hora que você voltar a gente conversa.

– O que é isso meu bem? Você sabe como é esta vida, não é? Sabe-se lá o que pode acontecer. Não quer perder esta chance. Você quer? Hen, hen....

– Você bem que podia tentar arrumar um trabalho honesto pra gente poder pensar melhor no futuro. Não aguento mais viver assim, sem saber se você volta para casa ou não. Tenho medo que você já tenha matado alguém.

– Não fica pensando nestas coisas. Se eu trabalhasse ia ter

menos tempo para ficar em casa, só com você....

Protestos a parte os dois acabaram transando no quarto. O primeiro fruto deste amor não interrompeu nada, acabou dormindo no sofá velho da sala assistindo televisão e se esbaldando com uma barra de chocolate. Os pombinhos adormeceram depois de uma quente trepada. Quebra Coco acordou e se preparou para sair pisando em ovos, para não acordar nenhuma das duas. Pegou mais uma lata de cerveja, colocou o trinta e oito no bolso do casaco e foi trabalhar perto da meia noite.

Roqui e Muguissi em: ratos sujos

Acordei com a cabeça latejando. Meu cérebro pulsava. Devia ter ido a um hospital. Devia ter feito isso há uns dez anos. Não passei do sofá da sala. Estacionei lá até o telefone tocar pouco antes do meio dia. “Tenho outro trabalho para você!” Antigamente as pessoas falavam “alô” ou “bom dia”. Nos dias de hoje educação é coisa de quem tem tempo para perder. “E o que você vai querer em troca?” Com essa gente você tem que ser claro e objetivo. “Sua alma e seu sangue por cem pratos.” “Vendido.” “Esteja no meu escritório a meia noite para falarmos dos detalhes.” Desliguei o telefone. Diante de uma madrugada inteira de trabalho resolvi tirar um cochilo. Os comprimidos não foram o suficiente para amenizar alguns dos carmas que me perseguiam a anos.

Voltei a realidade com os mesmos problemas e os mesmos dilemas: “O que é a vida? Da onde vim? Para onde vou?” Me mantive focado em sobreviver mais um dia. No caminho do escritório encontrei um dos meus companheiros. “Você sabe do que se trata?” Perguntei. “Não, mas não acho quem dê mais de cem pratos pelo meu couro e minha vida.” “Acho que no seu caso ele está pagando caro.” “Ele chamou o Catraca e o Quebra Nozes também.” “Que merda. Deve ser trabalho pesado.” Era

uma empresa de escavação, do tipo das que só trabalham de madrugada com funcionários não registrados que recebem em dinheiro vivo. Não tinha nada de arqueológico, a gente nunca achou nada, sempre escondia ou mudava de lugar. Outro dia tivemos que abrir uma grande vala para desovar milhares de pintinhos mortos de sei lá o que. Um pouco triste aquele genocídio aviário, mas por cem pratas tinha até matado todos aqueles pintinhos.

Estávamos do lado de fora da lata de sardinha gigante, num terreno grande. Tinha uma meia dúzia de tratores já, mas as pás já estavam lá a nossa espera. Nossa equipe trabalha com ferramentas rudimentares para realizar intervenções cirúrgicas. Éramos quinze bastardos aglomerados torcendo para um terremoto interromper o serviço. Começaram a chegar uns caminhões, que formaram um círculo iluminando a área. O grande filha da puta saiu da casinha. “Ok pessoal. São cinco caminhões. Quero todos eles cheios com uns latões que estão enterrados bem aqui debaixo deste chão. Vamos trabalhar.” Começamos a cavar. Menos de três palmos e os latões azuis começaram a aparecer. Quando tirei o primeiro vi que tinham uma faixa amarela com uma caveira pintada no meio. “São estes mesmos. Vamos que eles precisam estar fora deste Estado antes do sol nascer.” Alguns pareciam estar mais vazios que outros. Uns tinham alguma gosma líquida. Todos fediam a banheiro de supermercado.

Começou a chover e a lama tornou o trabalho uma merda de um chiqueiro. Os barris escorregavam na mão e era difícil conter a terra que vinha com a água. “Não

vai dar, precisa de mais braço porra!”, gritei com lama descendo pela minha garganta. O desgraçado olhou para gente e viu que não era questão de chicote. Ele passou a mão no telefone e convocou a cavalaria. Em pouco mais de meia hora as garras de aço estavam lá cavando trincheiras. Neste meio tempo o Quebra Nozes arrumou um pó branco mágico, jurando que a coisa ia ficar mamão com açúcar depois de um tiro. Era do estoque pessoal do chefe, da boa. A chuva continuava molhando e a lama enlameando, mas o braço aguentava mais e trabalhava mais rápido. A luva estava atrapalhando, entrava água dentro e os dedos escorregavam. Arranquei elas mandei para as pilhas de terra. Depois de um tempo as botas tiveram o mesmo destino. O cálculo estava errado, foram só quatro carretas.

Apareceram três caminhões com terra. Alguém viu o desgraçado pagando o dobro para os motoristas. “Estes caras só fazem o leva e trás e ganham duzentos mangos. Isso está errado!” Era justo, mas a única coisa que a justiça fez pelo catraca foi mandar ele para o celeiro por cinco anos. Mesmo assim recebemos só as cem pratas. O filho da puta vinha pagando um por um e falando. “Voltem para casa e tomem um banho com suco de laranja antes de dormir. Se sentirem algum tipo de dor tomem estes remédios.” Ele também deu uma cartela de comprimidos para cada um. “Se não funcionar morram em casa, não vão para hospitais e muito menos falem sobre os tambores.” Fechamos os buracos, pegamos a grana e fomos embora.

Promiscuidades

Sexo é a melhor moeda de troca do mundo. Tudo gira em torno de uma boa trepada. Se você transa com sua chefe uma vez, vira o queridinho. Se o ato se consuma novamente, recebe um aumento. E se acontece com frequência, tipo duas vezes por semana, lindo! Você vai ser promovido.

Adaauto descobriu isso cedo, com 14 anos comia a diretora da escola para passar de ano. Garoto franzino, poucos pelos, moreno, olhar inocente e uma piroca de respeito. Mas ele tinha uma especialidade, ele traçava uma bundinha como ninguém. Seus vinte e poucos por seis e alguma coisa faziam a festa da mulherada da Jaquituva.

Seu maior problema eram os cornos. Com 18 anos tinha tal fama entre as mulheres da cidade que metade dos homens queria matá-lo. Com medo de perder o seu maior patrimônio, literalmente, ele se mudou para cidade grande. Começou a trabalhar como cobrador de ônibus, em uma linha que ligava o subúrbio a um bairro nobre. Resultado: virou o terror das empregadas domésticas.

Sua reputação era tão conhecida que todas esperavam seu ônibus para ir ao trabalho. Era uma disputa a tapa para ver quem ia ficar do lado de Adaauto na catraca. Elas ficavam alisando o seu “documento” a viagem inteira.

Às vezes se revezavam, Adauto não gostava de brigas por causa dele, então bradava: “calma que tem pra todo mundo!”. Ao lado do ponto final tinha um boteco, e ele sempre escolhia uma para acompanhá-lo ao banheiro. Eram três, quatro, às vezes cinco por dia.

Depois de algum tempo ele recebeu uma proposta inusitada. Um de seus gadinhos tinha falado dele para sua patroa, que havia se interessado muito pelo assunto. Helena era casada com um executivo, que quando muito dava uma no domingo depois do jogo. Seu desempenho variava de acordo com o resultado da partida. Vendo sua empregada chegar feliz da vida todo dia às sete da manhã, depois de duas horas de trânsito e aperto, para lavar o chão e a cueca borrada do futuro corno, quis saber de onde vinha tanta empolgação. Assim descobriu Adauto.

Então na manhã de uma quarta-feira ele bateu no apartamento 34 do edifício Morada do Prazer. A empregadinha abriu a porta e pediu que ele esperasse na cozinha. Já com vinte e poucos anos, e conhecedor de seus dotes, ele já sabia do que se tratava. Depois de tirar uma casquinha de Adauto (ela estava com medo de perder ele para a patroa, então mostrou para ele que era a melhor boca do pedaço) ela o conduziu para o quarto de Helena, que o esperava com uma camisola transparente de cetim, impaciente na cama.

Apesar de seus quarenta anos, Helena tinha tudo em cima, e um apetite impressionante. Seus seios eram fartos, tinha uma grande boca, um olhar sacana e sua bun-

da era digna de uma garotinha com a metade de sua idade. Sua bucetinha era algo surreal. Suas cochas eram bem torneadas, e não encostavam uma na outra quando ela estava de pé. No vão livre que se formava ficavam aqueles grandes lábios carnudos, que tinham a aspereza desejada por qualquer homem. Seu volume era de encher a mão, seus pelinhos ralos acariciavam o rosto. Seus músculos vaginais se contraíam com uma força surpreendente. Era a mulher de 40 que todo marido queria ter, menos o velho e gordo Diego.

A primeira impressão que teve de Adauto foi de que ele era um cara normal, como qualquer outro. Não viu nada que a atraísse. Se cruzasse com ele na rua muito provavelmente ela desviaria. Meio perdido com a situação, ele ficou parado e esperou. Ela levantou e caminhou vagarosamente, fazendo caras e bocas, em sua direção. Ela foi chegando perto, deu uma volta por ele e falou quase dentro de sua orelha: “vamos ao que interessa”. Então o abraçou por trás e agarrou sua piroca, que já estava latejando.

Adauto a puxou, comprimiu-a contra seu corpo e deu-lhe um beijo, já alisando tudo que conseguia. No fundo sabia que esta era sua grande chance de se dar bem. Ela arrancou a roupa dele rapidamente, jogou-a na cama, e quando ele ia começar ela parou e se levantou. Adauto não dizia uma só palavra, só observava. Ela foi até a janela, a abriu, e se apoiou nela. O prédio dava de frente para uma rua, com diversos outros edifícios. Um número irrestrito de pessoas podia ver aquela janela. Ela arrebitou a bundi-

nha, virou para Adaauto e com um olhar deu a ordem. Ele chegou por trás, e bem devagarzinho foi lhe mostrando o motivo de sua fama.

Ela gemia procurando alguém que os observasse. Um garoto do quarto andar do prédio do outro lado da rua olhava tudo atentamente. Ela fazia caras e bocas para ele. Em poucos minutos pelo menos dez janelas estavam vidradas no 34 da Morada do Prazer. Um mais tarado tirou o pau pra fora e bateu uma punheta olhando a cena. Acidentalmente algo respingou no velho senhor que estava dois andares a baixo. Ele estava tão hipnotizado e nem notou. Voltaram para a cama, onde ela fez o que quis com Adaauto. Em cima, em baixo, de lado, com a boca, com a mão, com os peitos, até deixá-lo exausto.

Pararam pouco antes do meio dia, perto do horário da pequena Carla chegar da escola. Ela falou que queria Adaauto a todo momento, mas jamais largaria a boa vida por causa dele. Nem ele a queria sem a boa vida dela. O apartamento não tinha jardim, então ele não podia ser jardineiro, não tinha piscina, então ele não podia ser o limpador. Foi então que a grande idéia surgiu, ele seria o cozinheiro. E, permitam-me o trocadilho, ele era um excelente cozinheiro.

Assim ele foi contratado por ela para trabalhar de domingo a domingo. Mas Adaauto mal sabia fazer ovos fritos. A solução era comprar comida em um bom restaurante da cidade e dar os méritos para o novo empregado da casa. Em questão de poucos dias, quase horas, a fama da

janela se espalhou. O bairro todo esperava ansiosamente pelo momento em que ela se abrisse.

No meio disso tudo estava o corno, que em seis meses não tinha nem sequer sonhado com o que se passava. Pelo contrário, não se cansava de elogiar os pratos do novo chef da casa. Organiza almoços no domingo e apresentava com orgulho seu empregado para seus colegas de trabalho. Enquanto isso Helena apresentava Adaauto como o homem perfeito para todas as esposas dos amigos gordos e fedidos de seu marido. Assim ele começou a subir a “escada corporativa”.

As vezes ela emprestava Adaauto para uma amiga, para outra, as chamava para um chá com Adaauto pela manhã. Em um tempo recorde ele tinha uma legião de fãs e a diretoria de uma multinacional inteira, do mais simples acionista ao presidente da empresa, era formada por cornos mansos. A coisa começou a ficar muito descarada, as mulheres se revezavam na janela. Então uma de suas amigas resolveu tomar uma atitude. Juntas abriram um restaurante para Adaauto. Contrataram o cozinheiro do restaurante da onde vinham as maravilhas que ele preparava e no fundo da casa construíram um suíte, apelidada por elas de Cuzinha. Lá passavam o dia. Café, almoço e janta. Nunca ninguém desconfiou de nada, e hoje o restaurante é aclamado como um dos melhores da cidade. Os empresários cornos são os donos, e como lucram com tudo, vivem rindo nas grandes mesas regadas a muito vinho. Eles chegam em casa e muito raramente raspam o tacho do que Adaauto deixou, suas mulheres não reclamam de mais nada e, acreditam eles, trabalham para manter o restaurante sempre cheio.

Sobre o AntimidiaBlog

Tudo começou no finado Multiply, em uma noite de tédio de abril de 2007. Naqueles dias, intitulado como Notas de um Zé Ninguém (<http://web.archive.org/web/20120705214552/http://edcapobianco.multiply.com>), a ideia era criar um espaço para divulgar contos e crônicas escritas por Eder Capobianco, além de vídeos, fotos, links e notícias que circulavam pela internet sem muito destaque.

Com o desaparecimento da plataforma em 2012, contrariando todas as expectativas, o blog se expandiu. Todo conteúdo original foi transferido para as plataformas WordPress (<http://antimidiablog.wordpress.com>) e Blogspot (<http://antimidiablog.blogspot.com.br>), e o título Notas de um Zé Ninguém foi substituído pelo nick Antimidia, que já possuía perfis e blogs no Flickr (<http://www.flickr.com/photos/antimidia>) e Tumblr (<http://antimidia.tumblr.com>) para a publicação de fotos.

Para continuar difundindo parte do que de bom vaga pelo gigantesco ciberespaço foi criado o Reblogador (<http://reblogador.wordpress.com>), que se apropria da ferramenta reblog para aumentar a alcance da produção de blogueiros independentes do WordPress.

O AntimidiaBlog é atualizado semanalmente, nas manhãs de sexta-feira.